



Campus III – Guarabira
Centro de Humanidades Osmar de Aquino
Departamento de História
Curso de Graduação em História

Diniz do Nascimento Silva

A DIABOLIZAÇÃO NO CRISTIANISMO POPULAR

Guarabira – PB

2014

Diniz do Nascimento Silva

A DIABOLIZAÇÃO NO CRISTIANISMO POPULAR

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira, em cumprimento as exigência para obtenção do grau em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Ruston Lemos de Barros

Guarabira – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Diniz do Nascimento
A diabolização no Cristianismo popular [manuscrito] : / Diniz
do Nascimento Silva. - 2014.
54 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Ruston Lemos de Barros, Departamento de
historia".

"Co-Orientação: Luciana Calissi, Departamento de Ana
Glória da Silva Marinho".

1. Diabolização. 2. Igreja. 3. Sociedade. I. Título.

21. ed. CDD 981

Diniz do Nascimento Silva

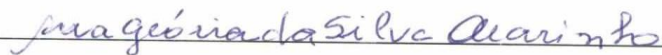
A DIABOLIZAÇÃO NO CRISTIANISMO POPULAR

APROVADA EM: 30/09/2014

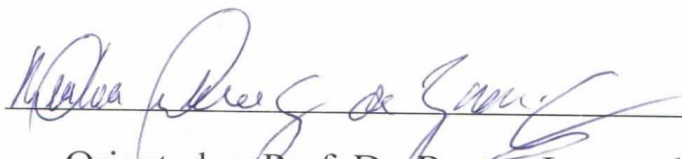
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a. Ms. Luciana Calissi



Prof.^a. Dr.^a. Ana Glória da Silva Marinho



Orientador: Prof. Dr. Ruston Lemos de Barros

Guarabira – PB

2014

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, Criador e sustentador da vida, minha gratidão pelo alento em todos os momentos;

Aos meus pais, Damião do Nascimento da Silva (in memoriam) e Angelina Nepolucena da Silva e irmãos por me proporcionarem segurança e afeto; durante os meu estudos

A todos os professores da Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Prof. Dr. Ruston Lemos de Barros, pelas suas orientações para a elaboração deste trabalho monográfico. Estendo meu agradecimento a banca de defesa da minha monografia, a Prf^a. Ms.Luciana Calissi a Prof^a. Doutora Ana Glória da Silva Marinho;

À comunidade Metodista da cidade de Belém pelo incentivo de todos; e

Aos colegas do Curso de História pelo companheirismo ao longo dos anos de estudos juntos.

À minha família dedico este estudo, pelo o apoio e carinho constantes recebidos.

“Vão todos para o inferno, com seus princípios enfeitadinhos!”

- João W. Nery

A DIABOLIZAÇÃO NO CRISTIANISMO POPULAR

RESUMO

Neste estudo analisou-se as representações do Diabo na cultura popular brasileira, dessa forma demonstrar a permanência e as outras representações da idéia do mito do Diabo. Com um aprofundamento histórico que perpassou desde as suas origens no povo hebreu bem como no surgimento do maior movimento religioso no Mundo Ocidental, ou seja, o Cristianismo; que teve início na Palestina a partir das idéias de um homem chamado Jesus. Após a morte de Jesus seus pensamentos foram apropriados pelos seus seguidores e ao longo do tempo deu origem a Igreja Católica no Império Romano e tempos depois outras denominações surgiram em meio a um complexo contexto de mudanças econômicas e culturais na Europa no século XVI. Em comum, todas as correntes do Cristianismo levaram uma mensagem diabolizante em seus esforços pela hegemonia religiosa. A diabolização passou então a ser usada em diversos momentos históricos para as mais variadas finalidades. O trabalho, nesse sentido, foi abrangente com relação ao tempo e espaço, pois se procurou sempre trazer para o tempo presente às evidências da diabolização; dessa forma, o respectivo estudo procurou mostrar que apesar das grandes transformações da sociedade com relação às crenças em geral à medida que se percebe um profundo ceticismo reforçado por diversas correntes sociais, mas, contudo elas não conseguiram apagar os hábitos religiosos tão perceptíveis na população em geral.

Palavras Chaves: Diabolização, Igreja, Sociedade, Inferno, Pecado

A DIABOLIZAÇÃO NO CRISTIANISMO POPULAR

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I - As Origens do Diabo no Cristianismo	14
Capítulo ii - Reverberações Hodiernas da Diabolização	25
Conclusões	39
Fontes	45
1-Bibliografia	45
2-Entrevistados	46
3-Internet	47
Anexos	48
1- Capa do CD do Cantor Frank Aguiar	48
2- Boneca da Xuxa	49
3- Capa do jornal oficial da Igreja Universal do Reino de Deus	50
4- Panfleto político distribuído na campanha para governo do Estado em 2010	51
5- Foto do jogador de futebol, José Luiz Guimarães Sanábio Júnior	52

Introdução

O presente estudo versa sobre o mito da diabolização nas suas mais diversas interpretações influenciadas pela fé cristã, com o objetivo de classificar as suas ações no panorama do Cristianismo Ocidental, particularmente no Brasil atual. Este assunto ainda não vimos contemplado em nenhum trabalho acadêmico do Curso de História. Assim sendo, procuramos inseri-lo na linha de pesquisa intitulada “Historiografia, Literatura e Mídia”.

Para esta elaboração monográfica contei com a significativa orientação do professor Dr. Ruston Lemos de Barros, devido a sua longa experiência com a temática avaliativa, pois o mesmo tem um estudo sobre a noção de pecado no Ocidente como também é autor de um exaustivo trabalho de pesquisa como tese de doutoramento, intitulada **Carne Moral e Pecado no Século XVI**. O estudo do professor Dr. Ruston Lemos toca na abrangência da religião Católica e de sua repressão sobre a sexualidade. Este último aspecto, também já foi rotulado como uma ação indutiva do Diabo para que o homem perdesse a sua “salvação eterna”.

Esta pesquisa, portanto, foi realizada prioritariamente na Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, que se localiza na cidade de Guarabira onde se adquiriu muitas obras sobre a temática examinada. A pesquisa ainda foi complementada na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, nas bibliotecas municipais das cidades mais próximas da nossa residência (Belém) e por um considerável material bibliográfico adquirido ao longo do Curso de História, além das freqüentes consultas à Internet, ferramenta cada vez mais utilizada na elaboração dos trabalhos de pesquisa. Ainda houve, para melhor explicitar o tema, entrevistas com alguns religiosos. Não deixou de ter sido de grande relevância a bibliografia indicada pelo professor orientador.

Pode-se dizer que, depois dos metódicos e conservadores, que por muito tempo predominaram na historiografia francesa, foi com a Escola dos Annales(movimento historiográfico) que houve uma profunda mudança na concepção do pensamento histórico. Esse contexto foi o que abrangeu o conceito de documento (LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1990, p. 462), e que a História

encontrou espaço para uma produção com elementos mais amplos. Assim pois, nesse movimento historiográfico foi que se buscou também redimensionar as mentalidades ligadas ao mundo cristão. Para isso, apelou-se para os conceitos lendários e até para as credences populares. Na verdade, este movimento chamado de *Annales*, ampliou a noção de documento histórico como também procurou problematizar a história tida como verdadeira (História- problema). É o caso da obra de Marc Bloch, em **Os Reis Taumaturgos**, que examinou a História a partir das crenças e mentalidades populares.

Na verdade, a História voltada para o estudo das mentalidades sofreu um abalo significativo quando o historiador Fernand Braudel passou a comandar a historiografia francesa, a “Revista dos *Annales*”. Isso ocorreu na chamada “Era Braudel”, como nos aponta Peter Burke. Dessa forma, a historiografia abandonou o viés das mentalidades. Muito embora seja inegável a contribuição braudeliana para a historiografia, pois é de Fernand Braudel a teoria sobre o tempo histórico divididos em três etapas, ou seja, a longa, a média e a curta duração (VAINFAS, Ronaldo. **Micro-História. Os Protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2002).

O foco de Fernand Braudel foi mais voltado ao campo material, claro que com uma noção bem mais diferenciada do marxismo. Foi uma História direcionada para as questões do homem e do meio ambiente. Como bem afirmou Ronaldo Vainfas, a historiografia chegou a se aproximar de um determinismo geográfico (VAINFAS, Ronaldo Op. cit, p.136).

Depois de um período no qual a história das mentalidades foi diminuindo o volume de produção, o historiador Robert Mandrou (considerado um dos últimos discípulos de Lucien Febvre) fez ressurgir o modo de produzir do início dos *Annales*. A obra de Robert Mandrou (1921-1984) trazia em seu bojo a temática da perseguição à feitiçaria.Com essa retomada, a partir da década de 1960, a história das mentalidades passou a ser mais conhecida como “A Nova História”. Nesse período, muitos historiadores se dedicaram aos questionamentos relacionados com as mentalidades, como ocorreu, por exemplo, com o renomado medievalista Jacques Le Goff (Idem).

Não obstante, essa História também conhecida como História Cultural, de um modo geral passou durante toda a década de 1970 e quase toda a década de 1980, sofrendo inúmeras críticas. Uma delas, alegava que a História Cultural era um campo muito próximo da literatura, a tal ponto que a área da História se perdia dentro do

campo da interdisciplinaridade, o que fez surgir outras possibilidades, a exemplo, da História do Cotidiano e outras que representavam o alargamento dos conceitos de cultura e História.

Sendo assim, a História Cultural revestida de outras denominações continuou sendo ainda um campo prolífero para a produção historiográfica para muitos historiadores, que se debruçavam nos mais variados temas que antes não eram alvos de investigações históricas. Vale ressaltar que Ronaldo Vainfas (2002) aponta na sua **História das Mentalidades e História Cultural**”, que os fundadores dos Annales foram um tanto injustos com a historiografia do século XIX e início do século XX. Isto porque a questão cultural se inseria numa historiografia anterior, como nos aponta Sandra Pesavento, no seu estudo intitulado *Precursores e Redescobertas: Arqueologia da História*, que ao se referir ao tema da História Cultural enobrece, a obra de Jules Michelet que já no século XIX procurava uma identidade nacional baseada no “espírito do povo”, ou seja, no sentimento das massas populares (VAINFAS, Ronaldo, Op. cit. pp.134/135).

Sabemos que não somente a obra de Jules Michelet se destacou na priorização das mentalidades mesmo antes da Escola dos Annales, mas ainda podemos destacar outros autores a exemplo de Edward Gibbon, que produziu uma historiografia no campo sócio-cultural, bem como Jacob Burckhard e além destes se destacou também a obra de Arnald Rauser que vincula a história dos conflitos às mudanças sócio-econômicas ocorridas.

Certamente para alcançar o objetivo monográfico tornou-se necessário um vasto estudo teórico, para se compreender a importância de ter como objeto de estudo um mito, no nosso caso o Diabo, que teve origem na Antiguidade, particularmente na Mesopotâmia. Tudo isso resultou numa análise ampla e sobre outro cerne recaindo sobre os tempos contemporâneos. Parece ser imperativo no mundo atual trazer essa problemática, pois a diabolização tem sido um poderoso mecanismo de manipulação até mesmo terrorista. As variantes do mal hoje recaem explicitamente sobre o Islamismo e demais facções contrárias ao Cristianismo Católico. Seguindo o pensamento de Stuart Hall, a identidade na pós modernidade é algo bastante fragmentada e que, portanto as identificações religiosas também sofrem um abalo significativo ou até mesmo outras conotações. Pegamos a teoria de Stuart Hall (2006), e aplicamos em todas as temporalidades, pois toda vez que ocorre um encontro dos povos, acontece, mesmo que

com resistência, mudanças nas práticas culturais; ainda que sejam a longo prazo. O que mais chamou a atenção de Hall, talvez tenha sido a velocidade da fragmentação cultural na pós-modernidade. Os indivíduos do mundo Ocidental são portadores de multiculturalidades flutuantes e muitas vezes conflitantes. Portanto, podemos dizer que o Diabo não é o mesmo ser mitológico para todo mundo cristão, judaico ou islâmico (afirmamos que o Diabo é um ser plural) como atestam as avaliações dos seus respectivos líderes. Já se afirmou, por exemplo, sobre Hitler que:

“... Sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias” (Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, , 2006, p.12).

Sendo assim, não identifica-se a diabolização apenas neste momento de crise em que as identidades são fragmentadas, pois este ente é parte integrante do mundo Antigo, Medieval , Moderno e Contemporâneo. Sabemos que o mundo, após a Segunda Grande Guerra Mundial, viveu um momento de quebra dos paradigmas, em que se pôs em dúvida a maneira cartesiana de pensar. Essa quebra modificou o pensamento religioso, pois surgiu questionamentos sobre a obediência cega aos dogmas cristãos e fez crescer as lutas pelos direitos das minorias, bem como resultou na própria revolução sexual dos anos 60. Será que diante de tantas mudanças há espaço para medos míticos ainda hoje?

Dessa forma, a historicidade será usada com as novas perspectivas inauguradas pelos integrantes dos Annales; pretendendo-se produzir uma história-problema sobre a sobrevivência do mito do diabólico. Todavia, sabemos da ligação entre o imaginário e os comportamentos sociais, campo também estudado pelos historiadores atuais, que buscam abranger todo o leque de discussões, mesmo que em tempos anteriores essas questões não tiveram espaço, pois quase não tinham nenhuma relevância, mas com um olhar curioso percebemos a grande importância de todos os elementos que circundam a vivência humana.

Como diz Bloch em sua obra **Apologia da História**, “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.” (BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.79)

Esta temática já foi alvo de estudos por este pretense historiador quando elaborou um projeto de pesquisa para a conclusão do Curso em Métodos e Técnicas de Pesquisas, ministrado na época pela professora Dr^a Elisa Mariana. Vale salientar que tal estudo foi bem modesto, tendo em vista o pouco tempo para a sua elaboração. Foram duas as razões principais pelas quais decidimos retomar ao tema. Primeiramente para fazer novas indagações que surgiram quando das seqüências semestrais; e a segunda, é que praticamente em todas as disciplinas do currículo conseguimos fazer interligações com tal temática. As interligações foram feitas o tempo todo, no decorrer dos semestres. De alguma forma, os revolucionários dos muitos movimentos estudados e os líderes de várias crenças populares que foram suprimidas ou até relaxadas como exemplos da arte ou influência dos demônios. O Brasil é um espaço muito grande sobre o uso descabido da diabolização durante o decorrer dos tempos, como é o caso dos índios e escravos africanos, que por tanto tempo sustentaram as elites coloniais e foram cruelmente considerados como agentes de Satã.

A grande dificuldade desse estudo foi estabelecer os limites espaciais e temporais da pesquisa. Assim, após muitas sugestões ouvidas, optou-se por colocar no centro das discussões os limites da obra clássica que inaugura os debates e questionamentos sobre esta entidade do mau, o Demônio. Por isso, se preferiu centralizar as discussões no texto bíblico- obra que inaugura esta questão-problema no mundo cristão. A própria evolução do Cristianismo, entre o fim da Idade Antiga e o começo dos tempos medievais conduz para algumas análises extensivas.

Particularmente, sabe-se que o local destinado ao Demônio- o Inferno- foi afirmado também desde remotas épocas como morada eterna de permanente sofrimento para todos os seres humanos que se tornarem agentes dos pecados mortais. Durante toda a evolução histórica da fé cristã, verificou-se uma manipulação psicológica muito grande, face a “pedagogia do medo” usada pela Igreja Católica, como uma forma de contenção dos pecadores.

Desenhos do Inferno, cenas pintadas em santinhos e cartazes atemorizaram e contiveram multidões, mas não conseguiram eliminar os desejos sexuais e nem evitar os excessos comportamentais, que desencadeavam as noções de culpas e pecados sobre tudo a partir do surgimento da cultura popular medieval, principalmente após a segunda metade da Idade Média. Atualmente, o mundo inteiro não se respalda mais pelos

conceitos de punições ou pelas influências negativas que os Demônios podem causar aos homens. Porém, esses conceitos contraditoriamente ainda estão vivos e influenciam boa parte dos cristãos do mundo, sobretudo os mais humildes e os que não possuem aprofundamentos intelectuais. Por isso, o mundo atual ainda sofre os efeitos do mito dos Demônios e do próprio Inferno.

CAPÍTULO I

As Origens do Diabo no Cristianismo

Jesus Cristo nasceu na Palestina relacionado com o povo judeu. Portanto, ele não veio com a missão de criar uma outra religião, mas de modificar a que já existia e era considerada insatisfatória na fé judaica.

Assim, apesar, de seu nome servir de base para o surgimento de uma nova fé- o Cristianismo- Ele não era cristão. O surgimento dessa ramificação religiosa deveu-se a ação de seus seguidores, que o consideravam um líder religioso e um profeta, além de ser o próprio Filho de Deus. A base de sustentação desta fé foram os textos atribuídos aos seus quatro apóstolos, a saber: Matheus, João, Lucas e Marcos. Entretanto a formação do Cristianismo não foi tão simples quanto parece, pois surgiram inúmeras comunidades cristãs com pequenas ou grandes divergências entre umas e outras. É possível identificar ao longo da história até a existência de outros líderes cristãos, como alguns autores apócrifos de inúmeros outros evangelhos não aceitos pelas Igrejas Católica e Evangélicas. Por outro lado, sabe-se que Lucas e Marcos viveram no segundo século, não tendo sido diretamente contemporâneos de Jesus.

Se fosse possível resumir a nova fé cristã em apenas dois princípios básicos poderíamos dizer que: Primeiramente existia a defesa do postulado do “amor a Deus e ao próximo”; e em segundo lugar, oferecer o “perdão para todos os pecadores”.

Nos textos atribuídos aos apóstolos oficiais e aos outros seguidores posteriores, sobreviveu as representações do bem e do mal (Céu e o Inferno), locais respectivamente onde serão alojados respectivamente os bons e os maus; os reconciliados ou penitentes e os pecadores irrecuperáveis. Estes últimos, segundo a cosmovisão baseada nos mitos judaicos seriam submissos a figura de um ser híbrido (corpo de homem, mas com chifres, calda longa e cascos de bode). Este estereótipo resistiu ao tempo como vemos na obra do historiador Carlos Roberto Figueiredo Nogueira intitulada (2002) **O Diabo no imaginário cristão**.

A existência dos Confessionários e Tribunais Diocesanos e posteriormente os Tribunais da Santa Inquisição Medieval e Moderna atestam planejamento permanente da Igreja Católica, para vigiar os seus fiés e até puni-los em nome de Deus. Os próprios reis dos países Ocidentais, particularmente na França e na Inglaterra, se achavam

também no direito de condenar um pecador irreconciliável com a Igreja Católica. Foi no período medieval que começou a época das grandes caçadas às bruxas, pois acreditavam que elas eram mensageiras do Diabo. Assim, o pecado passou a ser sinônimo extensivo de crime e crime de pecado. Assim não é de admirar que os Tribunais Diocesanos, Inquisitoriais e Civis dos Estados cometessem erros, equívocos e contradições jurídicas. A esse contexto teológico confuso somavam-se as preocupações com os lucros fáceis para a Igreja e os Estados, com os confiscos de bens dos condenados.

O contexto histórico assinala momentos de profundas incoerências e contradições sempre negadas pelas instâncias superiores da fé e até pelos representantes dos nacionalismos surgentes, como por exemplo, a existência de dois papas ao mesmo tempo, as vendas de cargos públicos e eclesiásticos, o estabelecimento do celibato obrigatório a partir do século X e não obedecido por muitos religiosos até o século XVI e o abuso sexual de crianças e jovens (prática ainda muito corrente: a pedofilia). Ocorreu surgimento até de uma mulher ordenada papisa no século XI- a papisa Joana. Por outro lado, as práticas de homossexualidade nos mosteiros e conventos, tanto masculinos como femininos foram acontecimentos comuns, além da idiosincrasia de condenarem a morte uma jovem cristã, que depois foi canonizada como santa. Foi o que ocorreu com Joana D'arc, além da impunidade semi-oficial para os religiosos que cometiam culpas de solicitações por sexo (tanto para os jovens e homens como para as mulheres). Vale salientar que, sobretudo no começo dos tempos Modernos, muitos padres passaram a “contratar” mulheres para cuidarem das casas paroquiais (casas dos padres); onde a elas caberiam cozinhar, lavar roupas entre outras coisas, mas à noite tornavam-se suas amantes, surgindo assim um seguimento conhecido como os filhos ou “sobrinhos” de padres. Não se pode esquecer ainda, que alguns líderes religiosos ao longo do tempo chegaram mesmo a desafiar as regras vigentes em suas respectivas épocas. Assim, Francisco de Assis, na Idade Média, ficou nú em plena praça da cidade, devolvendo as suas vestes aos pais (1182- 1226); posteriormente, Santa Terezinha declarou que tinha desejos sexuais ao receber a hóstia, mesmo sendo uma mulher considerada milagrosa; e São João de la Cruz, na Espanha, afirmou ter ereções ao comungar.

Neste contexto histórica conturbado a figura do Diabo foi esquecida ou anulada. Pelo contrário a diabolização pelos pecados continuou sendo uma forte argumentação teológica para punir os pecadores, sobretudo os leigos.

Na **Bíblia** hebraica, o Diabo junto com os seus auxiliares, os demônios, foram negligenciados em detrimento do poderoso Yahweh. O que existia era a consciência de que tudo era proveniente do Senhor, tanto o bem quanto o mal. Percebemos essa afirmativa na seguinte passagem bíblica:

“Mas ele disse: Como fala qualquer doida, assim falas tu, receberemos o bem de Deus, e não receberemos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios”. (Jó 2. 10).

O conceito de “Diabo” de fato, como aponta Carlos Roberto e Lazarine, em suas respectivas obras citadas neste trabalho, também mostram isso, que não foi evidente antes do “Cativeiro da Babilônia”, no século IV a.C. Com o “Cativeiro da Babilônia que o povo de Israel sofreu no século VI a.C fez com que ressurgissem as antigas crenças que estavam adormecidas na cultura judaica.

“Durante e após o Cativeiro de Babilônia, os judeus entraram em contato com o masdeísmo persa, influência determinante para a corporação de uma demonologia futura. A doutrina de Zoroastro baseava-se num permanente conflito dos princípios gêmeos do Bem e do Mau, Spenta Mainyu (o Espírito Benfazejo), identificado com o criador Ahura Mazda, e Angra Mainyu (o Espírito Destruidor)”. (NOGUEIRA, Carlos Roberto, Op. cit., pp. 18/19).

Um fato curioso em que se percebe, graças a técnica da comparação sistemática, entre dois textos que relatam a mesma história, com uma contradição notável, encontra-se no livro de Crônicas I. Em uma passagem se diz que foi Deus quem incitou Davi a fazer a contagem populacional, já em outra passagem bíblica demonstra claramente que quem influenciou o rei Davi para fazer a contagem de toda população foi o próprio Satanás. Segundo nos mostra o texto de Antonio Lazarine Neto (2007), há duas possibilidades para a compreensão dessas duas passagens bíblicas. A primeira é que Satã podia ser entendido como o lado mau de Deus e a outra a possibilidade de que Satã fosse mais um anjo às ordens do Altíssimo.

Assim:

“Na Bíblia hebraica, Satanás não aparece como o líder do Império do Mau. Suas aparições em Números (22.21-35 e em Jó (1.6-12; 2.1-7) eram de um servo obediente, um ‘anjo’ (heb. malak-” mensageiro”). Carlos R. F.Nogueira, reportando-se à tradição bíblica veterotestamentária, diz que ‘a idéia do mal é algo indefinido, ou seja,

ele existe, mas não é incorporado em um determinado personagem.” (LAZARINE, Antonio Neto”. “O demoníaco: A antiguidade e transformações do tema na tradição judaico-cristã”. In **Oracula**: São Bernado do Campo, 2007, p.6).

Sendo assim, acreditava-se que:

“Satanás não era necessariamente maligno, mas um ser enviado para executar determinadas tarefas, ainda que incomuns, como no relato do Êxodo, quando um anjo fora enviado para matar todos os primogênitos do Egito” (Idem).

Foi a tradução da Bíblia hebraica para o idioma grego (a Septuaginta), traduzida paulatinamente entre o III e o I séculos a.C. que irá caracterizar de vez a cara do Diabo para os tempos futuros, pois a palavra Satã foi traduzida como “**diábolos**”.

Na época do surgimento do Cristianismo, o Diabo aparecia como um poderoso antagonista de Deus e de toda a humanidade. Podemos notar isso nos textos do segundo século (as pseudo- clementinas) que retratam sobre a vontade dos Demônios de possuir as pessoas para lhes saciar os desejos, como por exemplo, para manter ardorosas relações sexuais. Podem-se perceber as duas facetas na era cristã: O Diabo é o grande inimigo de Cristo e da Igreja. Os textos neo-testamentários mostram o grande antagonismo existente no Universo: Deus e Diabo, disputando para ganharem as almas das pessoas, um pelo amor e o outro pelo pecado.

Perante o que foi exposto, pode-se fazer uma relação específica entre o Hades e a figura do Diabo visando, esclarecer melhor esta panorama e que irá influir até mesmo na época chamada de pós-modernidade, descobrindo-se assim, as mudanças e permanências do mito.

Será mesmo possível correlacionar o Hades com o Diabo cristão? Sim. Na mitologia grega, Hades era irmão do grandioso Zeus; o nome Hades significa invencível e, como todo deus grego, tinha o seu encargo. Zeus o designou para cuidar do mundo dos mortos, sendo assim, o lugar que Hades tinha o seu domínio também e era conhecido pelo seu nome. Então, o Hades era o local para onde iam todos os mortos indistintamente e eram guiados por Hermes, para o grande julgamento; julgamento este que era ministrado pelo grande deus Hades como é relatado na Obra de Dante Alighieri, **A Divina Comédia**.

O Hades, portanto, no sentido de lugar, era dividido de forma bifurcada em compartimentos distintos. O primeiro compartimento era chamado de Tártaro que era destinado aos que não tiveram uma boa conduta, esse era um espaço de penumbra e com uma vegetação sombria. Já o segundo compartimento, era chamado de Campos Elísios, que tinha uma aparência oposta ao Tártaro, pois possuía uma paisagem muito bela e com muitas flores. Para lá iam todos os que no Novo Testamento são chamados de bem-aventurados.

Os romanos por sua vez, fizeram uma pequena modificação neste contexto mitológico grego. O Hades passou a ser chamado de Plutão e ficava em um lugar (O Orco) que possuía uma vegetação de álamo e de salgueiros. No interior do seu castelo havia uma poço que atingia até as profundezas da Terra. Este lugar foi descrito por Virgílio, que o situou perto da região onde ficava o do vulcão Vesúvio, localizado no golfo de Nápoles, na Itália. (Vídeo Site: www.wikipedia.com, consultado em 03/07/2014, às 23:20).

Pode-se mesmo dizer que a conquista do Mundo Ocidental foi realizada pelos gregos, através da sua expansão colonial que ocorreu entre os séculos I e IV com o objetivo de sustentar a crescente população e dessa forma a cultura grega influenciou muitas regiões, dando-lhes contornos gregos através da sua filosofia. Mesmo o Império romano depois de conquistar a Grécia (133 a.C.), foi bastante influenciado pela filosofia grega. A escola Neoplatônica foi um grande exemplo disso. Para Carlos Roberto Figueiredo foi com essa corrente de pensamento, a Neoplatônica, que teve início no século III, e que reformou o perfil do Diabo cristão.

Assim,

“... para evitar confusão entre Deus e essa divindade, Platão e os membros de sua Escola lhes reservaram o nome de Demônio (daimôn)- palavra usada anteriormente para exprimir a ação divina geral, distribuidora tanto do bem quanto dos mal.” (NOGUEIRA, Carlos Roberto, Op. cit., p21).

O Cristianismo nasce nesse contexto de conflito de idéias, em que as palavras gregas foram usadas nas traduções dos textos antigos tendo, dessa forma, novas conotações, pois foi no imaginário do judaísmo tardio, já influenciado pelas idéias do

mal como também o mundo dos mortos, sugerido como um lugar inferior, com muitos tormentos. E isso tudo foi repassado para a nascente religião cristã.

Dessa forma,

“Aos demônios foram emprestadas as imagens que os antigos atribuíam às suas divindades infernais. Eusébio encontra, na descrição do Hades fornecida por Plutão, a morada da perdição, que assume para os cristãos os nomes pagãos de Tártaro e Inferno” (NOGUEIRA, Carlos Roberto, Op. cit., p 36).

A Idade Média foi um período histórico que alguns historiadores costumam dividir em três fases: a Idade Média Ascendente (476-1054); Alta Idade Média (1054-1.350); e a Idade Média Descendente (1350-1453).

No século VI, Satã era descrito como sendo um personagem decaído, mas foi a partir dos séculos XII e XIII que se intensificaram os debates sobre os seus poderes e as más influências pelas ações dos demônios, todavia até esse momento eles ainda eram assimilados como personagens quase domésticos.

Não obstante ele, o Diabo, “... e seus acólitos foram por vezes tão ridicularizados ou divertidos quanto terríveis, por isso tornaram-se progressivamente familiares.” (DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada** – São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 240).

Foi mais ou menos nesse período que foi produzida a obra de Dante Alighieri (1265- 1391), **A Divina Comédia**, onde o Inferno foi descrito nos mínimos detalhes. Nesta obra foi relatada a incrível viagem que Alighieri fez com o poeta Virgílio às profundezas. O autor nos mostra toda a divisão infernal, bem como mostra também os castigos para cada tipo de pecado. O chamado inferno dantesco era dividido em nove círculos. Os primeiros círculos compõem o Alto Inferno e o restante é o Baixo Inferno, a Famosa Dite; cidade infernal. No primeiro vestibulo do inferno, os dois poetas foram recepcionados pelo famoso barqueiro Caronte, responsável pela travessia dos mortos no rio Aqueronte; depois da travessia se encontram no Limbo, lugar das pessoas que não tiveram oportunidade de serem batizadas, mas, todavia viveram de forma honesta. No segundo círculo, ficavam os luxuriosos, esses sim, sofriam as penalidades cruéis, pois eram atormentados com chuvas de fogo. No terceiro círculo era o lugar dos gulosos que eram constantemente vigiados pelo seu cão Cérbero, onde eram torturados com pesos enormes e imersos em um lamaçal; estavam nesse mesmo local também os soberbos e

insolentes. No quarto círculo se encontravam os pródigos e avarentos; era um lugar montanhoso em quem as riquezas se transformavam em grandes pesos. O quinto círculo era destinado aos irados. Depois, eles chegaram até ao local onde estavam os hereges e incrédulos que eram condenados às tumbas flamejantes, este era o sexto círculo. No sétimo círculo ficavam os que cometeram pecados “contra a natureza” esses também eram punidos com chuvas de fogo, além de encontrarem também os agiotas. No oitavo círculo que era dividido em dez compartimentos onde eram castigados pelos demônios, os sedutores, os ladrões, os fraudulentos e os hipócritas. No nono e último círculo estavam os traidores e os suicidas. Os traidores eram torturados em troncos de árvores sem vida. A seguir existia o Cócito, que era o um rio congelado, transformado em prisão para os traidores de Deus e da pátria. Logo após encerrava-se o Inferno, tendo um local onde ficava o alojamento de Satã. Lá estavam os três maiores traidores da História: Judas, Cássio e Brutus. Lúcifer estava nesse local que era o centro da Terra. Ali ele devorava os três traidores que voltavam à vida para serem devorados sucessivamente.

Como mostra a obra de Jean Delumeau, **A História do Medo no Ocidente** (1989), foi apenas no início da Idade Moderna, mais precisamente na época do Renascimento foi que ocorreu a apoteose das representações do Diabo. Este foi, sem dúvidas, um período de representações diabólicas que chegaram até aos nossos dias. A Idade Moderna surgiu com medo do Diabo e disso tirou proveito a Igreja Católica, criando a chamada “Pedagogia do Medo” tática usada para conter as multidões dos que eram considerados pecadores, principalmente os “delinqüentes do sexo”.

No século XIII Tomás de Aquino tenta forçar um ideário de uma realidade de suplícios infernais no pós-morte, mas mesmo assim, como se percebe nas representações feita nas catedrais, o destaque ainda recai somente nas glórias de Cristo. Com a chegada do século XIV vemos uma guinada da presença satânica nas mentalidades. Como já foi dito, essa foi a época de Dante. **A Divina Comédia**, segundo o texto de Jean Delumeau é que “marca simbolicamente a passagem de uma época a outra, é o momento a partir do qual a consciência religiosa da elite ocidental deixou por um longo período de resistir às convulsões do satanismo.” (DELUMEAU, Jean. Op. cit. p.240). É nesse período que o Lúcifer é trazido para o meio das discussões, por isso o medo é inegável e se torna um mecanismo para dominar as pessoas, não é por coincidência que Taddeo di Bartolo coloca as imagens do Inferno no centro de uma

igreja em uma cidade italiana, San Gimignano em 1396. Nesse momento duas grandes obras similares e anteriores a **Divina Comédia** são resgatadas para ilustrar a nova contextualização. Foi o que fez o autor de **Quantour novíssima**, esse escritor fez uso da magnífica obra **Tungdal** de origem irlandesa; outra em que se percebe a influência da visão da obra **Tungdal**, está nas linhas de as **Trés riches heures du duc de Berry**.(Idem).

Nesse contexto o Diabo já é o grande tentador de mil faces; ele está próximo de todos e faz uso de todos os meios para atrair a atenção de algum distraído ou de algum possível desavisado para fazê-lo “perder a sua alma”.

Enfim, foi no período do Renascimento que existiu uma associação mais contundente entre as calamidades naturais e as ações do Demônio. Esta era a cosmovisão de uma Europa cristã traumatizada e que havia saído da Peste Negra e, portanto buscava explicações até na vulnerabilidade humana, que é sempre propensa ao pecado sobretudo ao prazer carnal, como responsável pela ira de Deus e a ação Diabo com os seus flagelos de morte. Dessa forma, se compreendeu que a origem das adversidades estavam na propensão dos pecados da carne. Ocorrem então, nesse período, uma diabolização já bifurcada, pois além da versão católica, havia ainda o rigoroso pensamento protestante, representado pela pessoa de Lutero. De um lado, a Igreja Católica diabolizava os dissidentes e por outro, os protestante identificava a presença do Diabo em todo os que lhes opusessem. Cabe lembrar que a Igreja Católica já havia diabolizado o movimento dos cátaros e albigenses no século XIII, período que teve início a Inquisição medieval.

Algo que contribuiu decisivamente para a satanização do mundo Ocidental foi,sem dúvida, o poder da criação do alemão Johanes Gensfleisch zu Laden zum Gutenberg (1398-1468). De fato, a imprensa mecânica ajudou a diabolização via propaganda cristã com as suas exigências religiosas. O que também contribuiu foram as peças teatrais, como nos diz, o já citado estudo de Jean Delumeau, quando as peças desse período superaram as representações da Idade Média, pois na Idade Moderna os Diabos eram mais subversivos em pensamentos e nas ações.

Assim,

“O que foi dito acima sobre a difusão das angústias apocalípticas graças à imprensa, vale logicamente também para a ascensão do

Satanismo no século XVI. Ela não teria essa amplitude, na Alemanha especialmente, sem o multiplicador poderoso que foram os livros e folhetos, por vezes enriquecidos de desenhos. O próprio sucesso das obras de Lutero deve ser lembrado aqui. O Dr. Martinho comunicou seu medo do Diabo a centenas e centenas de milhares de leitores” (DELUMEAU, Jean Op. Cit., p.245).

O poder da imprensa no processo de diabolização no Ocidente foi notável, pois chegou mesmo a superar as obras das biografias dos santos e as obras de caridade ou as de vocações. Assim podemos dizer que:

“A vida dos santos que nos falavam outrora do amor e da misericórdia divina, dos deveres da caridade cristã, que nos exortava a praticá-los, hoje já não é de moda e não tem mais o prestígio como no passado, junto aos bons e piedosos cristãos. Em compensação, todo mundo compra livros de magia, imagens ou rimas sobre as ciências ocultas.” (DELUMEAU, Jean. Op. Cit., p.246).

Na segunda parte da obra de Jean Delumeau, (já citada) traz uma observação de que no mundo europeu, na época Moderna, coexistiam duas representações de Satã: O comum, ou seja, o Diabo era um ser com uma representação mais familiar, dessa forma, o povo não o temia, era como se tivesse no imaginário popular a idéia parecida com o ditado popular, que dizia: “O diabo não é tão feio quanto se pinta”; e a segunda representação era erudita, que reforçavam a imagem do Diabo cada vez mais cruel”. A visão renascentista o pintou de forma cada vez mais asquerosa possível (DELUMEAU, Jean. Op. Cit., p.243)

É nesse período do século XVI em que a Europa tem a imagem de um Diabo aterrorizante que o Brasil “nasceu” e que por isso já surgiu diabolizado, pois foi curta no tempo a imagem do nativo como um ser puro e angelical; essa perspectiva inicial mudou radicalmente quando se observou as práticas aqui existentes. Foi isso que analisou a conceituada historiadora Laura de Melo e Sousa em sua obra **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**, cuja pesquisa se baseou nos relatos dos cronistas e viajantes coloniais. Este mesmo relato também pode ser encontrado na obra de Ruston Lemos de Barros, da qual extraímos o seguinte depoimento:

“A aversão inicial não foi logo manifesta, face ao contexto cristão relativo à idéia de paraíso de onde teriam vivido os primeiros pais, já muito impregnada na mentalidade da época. Mesmo assim, a tentativa de explicar esta conduta pela via da ‘inocência’ não demorou a ruir.” (BARROS, Ruston Lemos de. Op. cit., pp 483/484).

Os franciscanos considerados os primeiros cronistas do Brasil, atestam a mudança ocorrida no nome da terra de Ilha de Vera Cruz para Brasil, devido a cor avermelhada extraída do pau brasil e dessa forma associada à cor vermelha do Diabo. Assim, constatamos que ocorreu não só a diabolização da cor (vermelha) como também do próprio espaço geográfico (VAINFAS, Ronaldo. **Brasil de todos os santos**/ Ronaldo Vainfas, Juliana Beatriz de Souza. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002, p.9).

Assim, a cultura baseada na nudez, poligamia, antropofagia, crenças e costumes tidos como exóticos, sobretudo na conduta sexual deu margem ao repúdio às comunidades pré-históricas do Brasil, por parte dos ibéricos, que os diabolizaram (BARROS, Ruston de. op cit., p.483).

“[...] longe de serem *tabula rasa*, os índios poderiam está sendo governados pelo demônio. Seria preciso domesticá-los, ‘pacificá-los’ para o que contariam os padres com o apoio dos governadores, o que nem sempre era fácil” (VAINFAS, Ronaldo. Op cit., 2002, p.9).

Por outro lado, após o fracasso da evangelização indígena, restou aos agentes da expansão marítima comercial lusitana a alternativa de incrementar um intenso tráfico de escravos africanos, explorados desde os primórdios do XVI até o século XIX. Os negros também de forma preconceituosa foram diabolizados, sobretudo devido à cor de sua pele, ao seu enorme apetite sexual, grande facilidade de comunicação para arranjar parcerias afetivos sexuais, bem como pelo seu prolongamento fértil por mais tempo do que os europeus e indígenas, além do desenvolvimento de suas prática mágicas religiosas e das constantes tentativas de fugas. E ainda pelos homicídios defensivos. Por outro lado, os europeus estavam em constante estado de conspirações baseados na idéia de escravização contra os negros, alegando objetivos altruístas e religiosos. Não obstante vale ainda acrescentar que pesou contra os negros as concepções da cultura popular que os rotulavam como monstros: os órgãos genitais dos homens negros e até mesmo das mulheres atingiam tamanhos, configurações e capacidades energéticas muito superior a qualquer outro mortal. Na verdade, Portugal estava desde 1455 autorizada por Bula papal a reduzir os negros à escravidão como um dos povos infiéis, a pretexto da “salvação das suas almas” (BARROS, Ruston Lemos de, Op. cit., p. 554).

Mesmo após o início da luta para libertá-los da escravidão, a Igreja Católica silencia qualquer esforço nessa empreitada, só aderindo oficialmente à campanha

abolicionista após a sanção da Lei dos Sexagenários e do Ventre Livre, quase as vésperas da Lei Áurea, o que denota claramente toda a hipocrisia da moral cristã. (BARROS, Ruston Lemos de. Op. cit., pp. 550/579).

Algo muito semelhante ocorreu durante a Ditadura Militar de 1964, No Brasil. No princípio a Igreja rezava missas em ação de graças pelo movimento militar. Só depois que surgiram religiosos torturados ou mortos, já quando a campanha pelas “Diretas Já” tinha ganhado muito espaço popular, foi que a Igreja apoiou ao movimento contra o regime militar.

No século XIX, com o enfraquecimento do movimento e das idéias do Iluminismo, o Diabo se transformou em um símbolo da liberdade. Era como se ele representasse a parte que Deus rejeitou no ser humano, como disse José Saramago:

“Disse Jesus, Estou à espera, De quê, Perguntou Deus [...] De que digas quanto de morte e de sofrimento vai custar a tua vitória sobre os outros deuses, [...] [Respondeu Deus:] àqueles que, não tendo sido martirizados e morrendo de sua morte própria, sofrem o martírio das tentações da carne, do mundo e do demônio, e que para as vencerem tiveram de mortificar o corpo pelo jejum e pela oração [...]. Também ofenderam o corpo com dor e sangue e porcaria, e outras muitas penitências [...] para domar as importunações da carne suscitadas pelo Diabo, a quem estas tentações se devem, que o fito dele é desviar as almas do recto caminho que as levaria ao céu, mulheres nuas e monstros pavorosos, criaturas da aberração, a luxúria e o medo, são as armas com que o Demônio atormenta as pobres vidas dos homens, Tudo isso farás, perguntou Jesus [...] [ao Demônio:] Mais ou menos respondeu ele, limitei-me a tomar para mim aquilo que Deus não quis, a carne, com a sua alegria e a sua tristeza [...] [Disse Deus a Jesus:] [...] a Inquisição é o mau necessário, o instrumento cruelíssimo com que debelaremos a infecção que um dia e por longo tempo, se instalará no corpo da tua Igreja por vias das nefandas heresias... [e]... umas quantas perversões do físico e da moral, o que tudo reunido e posto no mesmo saco de horrores, sem preocupações de prioridade e ordem, se incluirá luteranos e calvinistas, molinistas e judizantes, sodomitas e feiticeiros [...]. Então o Diabo disse, É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue [...]. Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens [?]” (SARAMAGO, 1991, apud Barros Op. Cit., p.15).

É esse Diabo plural que se verá nos diferentes discursos e até mesmo na literatura, em que muitas vezes é visto com bons olhos ou como um personagem injustiçado na história construída pela Igreja.

CAPÍTULO II

Reverberações Hodiernas da Diabolização

Neste capítulo discorrere-se sobre a diabolização presente no cotidiano atual, o que é tão natural em nosso meio social, para os mais variados fins. O mito do Diabo não morreu no tempo presente, muito pelo contrário. Ocorreram mais fenômenos multiplicadores da figura diabólica.

Não é de agora que se fazem trabalhos acadêmicos sobre a mitologia do Diabo como também estudos que questionam os principais dogmas da cristandade. Em 1985, surgiu nos Estados Unidos o contundente “Seminário sobre Jesus” com a proposta de estudar de forma crítica, todos os elementos dogmáticos cristãos.

O movimento fundado por Robert Funk foi tão fortemente rechaçado que muitos dos renomados estudiosos do seminário perderam os seus empregos como professores universitários. Um dos integrantes do referido seminário que mereceu destaque foi o expadre John Dominic Crossan, considerado o maior especialista do mundo quando o assunto é o Jesus histórico.

No Brasil, há um trabalho escrito pelo dedicado professor aposentado da Universidade Federal e Estadual do Ceará, José Pinheiro de Souza, **Mentiras sobre Jesus, Desafio para o Dialogo Religioso**, que inclusive cita os esforços dos pesquisadores do Seminário sobre Jesus. Este livro é uma obra imprescindível para quem deseja adentrar no complicado e sincrético universo cristão, pois trata com muita clareza dos aspectos históricos intrínsecos a pessoa de Jesus.

De acordo com o trabalho de José Pinheiro de Souza (2011), o Seminário Sobre Jesus esquematizou a moderna pesquisa crítica sobre Cristo em sete pilares bastante esclarecedores, dentre os quais se destacam o primeiro, o sexto e o sétimo:

- 1) O primeiro pilar é o da distinção entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, feita desde o século XVIII, por Reimarus, e no século XIX, por Strauss;
- 2) O segundo pilar reconhece que os **Evangelhos** sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) estão mais próximos do Jesus histórico do que o **Evangelho de João** que apresenta a penas um lado mais místico de Cristo;

- 3) O terceiro reconhece que o **Evangelho de Marcos** foi escrito por volta do ano 70, ou seja, muito antes do livro de Mateus e Lucas;
- 4) O quarto pilar admite que o Evangelho de Marcos foi fonte para escrita do livro de Mateus e Lucas;
- 5) O quinto pilar é a identificação da hipotética fonte Q (do alemão Quelle), utilizada tanto por Mateus como por Lucas.
- 6) O sexto pilar consiste na rejeição do Jesus escatológico apocalíptico (mas não do Jesus escatológico sapiencial), ou seja, para os pesquisadores do JS, o Jesus histórico não foi um “pregador” escatológico apocalíptico, no sentido de pregar o final iminente e cataclísmico da humanidade, em que Deus interviria de maneira sobrenatural, através de seu filho Jesus Cristo, para julgar a espécie humana, enviando os bons para o Céu e os maus para o fogo eterno, ou seja para o Inferno, profecia esta que nunca se cumpriu (nem se cumprirá), mas a mensagem central do Jesus histórico, na opinião do John Dominic Crossan, idealizador e co-fundador do Seminário sobre Jesus, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial”, no sentido de envolver um estilo de vida voltada para o presente, em vez de uma vida direcionada para um futuro celestial. Na escatologia apocalíptica, estamos esperando uma ação sobrenatural de Deus, já na escatologia sapiencial Deus está sempre esperando que nós vivamos com uma nova consciência voltada para a solidariedade e fraternidade global.
- 7) O sétimo e último pilar consiste no fato de que os **Evangelhos** são vistos pelos integrantes do SJ muito mais como narrativas teológicas sobre o “Cristo da fé” do que com fatos históricos reais sobre o “Jesus histórico”. Os pesquisadores do SJ chegam a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras de Jesus nos **Evangelhos** podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos **Evangelhos** podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos **Evangelhos** não são verdades históricas, mas crenças cristãs. (SOUZA, José Pinheiro de. **Mentiras sobre Jesus: Desafio para o Diálogo Religioso**. Fortaleza: Gráfica LDR, 2011, pp.39-40).

O “Seminário sobre Jesus” é muito categórico quando afirma sobre a mitologia do Diabo, pois para os estudiosos do Seminário o personagem Satã, como todos os

outros elementos dogmáticos da religião cristã, não são exclusivos do Cristianismo. É oportuno citar a quinta pergunta com a respectiva resposta contida no livro **Mentiras sobre Jesus**, já mencionado anteriormente:

“PERGUNTA: Jesus foi tentado pelo Diabo, passou sua vida pública ‘expulsando demônios’ do corpo das pessoas e, após a sua morte, ‘desceu aos infernos’?

RESPOSTA: Aqui, temos mais três grandes mentiras sobre Jesus: 1ª a mentira segundo a qual ele foi tentado pelo diabo (Cf. Mateus 4, 1-11); 2ª a mentira segundo a qual ele passou grande parte de sua vida pública “expulsando demônios” dos corpos das pessoas (Cf. Marcos 1,21-28; 9,17-28; Lucas 4, 31-37), e 3ª a mentira segundo a qual ele desceu aos infernos, ou seja, à mansão dos mortos, depois que faleceu (como consta no Credo Apostólico Católico)”.

Se não existe Inferno, como pode Jesus ter sido tentado pelo Diabo e tenha passado grande parte de sua vida pública expulsando demônios do corpo das pessoas?

Como comprovam os estudiosos críticos das religiões, o Inferno (ou Infernos) e o Diabo são velhos mitos e, portanto, não podem ser interpretados ao pé da letra, como verdades históricas e absolutas. As narrativas da suposta tentação de Jesus pelo Diabo e das suas supostas expulsões de demônios dos corpos das pessoas e da sua suposta descida aos Infernos após a sua morte, são lendas inventadas pela imaginação de líderes fanáticos da Igreja antiga ou copiadas de outras religiões ou culturas bem mais antigas do que o Cristianismo.

Na literatura budista, por exemplo, Buda também foi tentado pelo Diabo esse fato comprova que a figura mítica do Diabo já existia há muitos séculos antes do Cristianismo, pois Buda viveu há alguns séculos antes de Cristo. (SOUZA, José Pinheiro de. Op. Cit., 2011, p.51).

Várias passagens do **Novo Testamento** mostram Jesus expulsando demônios, chamados também de espíritos impuros ou imundos; como vemos em Marcos 9.17-28 que narra a história da cura de um menino possuído por um espírito imundo. Na realidade, o referido menino sofria de epilepsia, e não de possessão demoníaca, pois naqueles tempos a medicina não tinha diagnósticos para muitas doenças como na atualidade, embora haja inúmeros registros de que muitos tipos de cirurgias já eram realizadas. Na época em que a **Bíblia** foi escrita, todas as doenças eram explicadas

baseadas em conhecimentos míticos e erroneamente interpretadas como obra do demônio. (Idem).

Depois de uma explanação histórica é preciso se perguntar: O que se diaboliza hoje? Qual o objetivo? Quais os tipos de diabolização? Quais grupos ainda fazem uso da diabolização para tirar proveito e controlar os comportamentos? Quantas perguntas! E com certeza é possível fazer tantas outras para o enriquecimento do tema.

Sabemos que foi a partir do movimento romântico no século XVIII que ocorreu uma grande transformação na representação do Diabo, como um personagem multiforme para a contemporaneidade, tornando a diabolização um fenômeno de múltiplas possibilidades ou seja, inclusive a possibilidade de isso ser ou representar algo positivo. Sobre esse movimento podemos observar que:

“ O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregado pela Igreja. Satã significa liberdade, progresso, ciência e vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressas nas feições tradicionais do Diabo. Lúcifer de Lord Byron é sumamente grandioso, encerrado em seu próprio mistério, filho da própria experiência e rebeldia. Amigo do homem e inimigo de Deus, que estabeleceu a ordem como um tirano, condenando ao sofrimento, à humilhação e à morte todos aqueles que tinham por única culpa o desejo de conhecer, Lúcifer está ao lado do homem, uma vez que, como o homem, ele é condenado ao sofrimento”. (NOGUEIRA, Carlos Roberto Op. cit., 2002, p.104).

Mesmo com respeitáveis estudos que comprovam que a figura satânica é uma formulação mítica, os resultados ainda não foram absorvidos pela grande parte da população que ainda acredita na orientação dos líderes cristãos que leva a ideia da dicotomia espiritual, ou seja Deus e o Diabo e o Céu e o Inferno.

Então, diante da pesquisa realizada, podemos entender a diabolização do tempo presente da seguinte forma: diaboliza-se para inferiorizar; diaboliza-se para enaltecer e também diaboliza-se para manipular a opinião pública.

Em muitos casos ocorrem uma diabolização com dois fins simultaneamente: Muitas vezes, se inferioriza uma personalidade ou produto, colocando assim, através deste mecanismo, a opinião pública contra um sujeito ou marca, um hábito ou costume.

Na história recente da política paraibana se utilizou deste velho recurso para combater a campanha do então candidato a governador do Estado, Ricardo Coutinho. A referida campanha para governo de Estado na Paraíba, em 2010, apelou para a artimanha de inferiorizar e conseqüentemente aniquilar o poder da influência do adversário. Entre o primeiro e o segundo turno da exaustiva campanha, em uma determinada manhã (a mídia divulgou) em algumas cidades paraibanas que foram bombardeadas por panfletos que afirmavam ter o postulante ao cargo de governador, Ricardo Coutinho, feito um pacto com Satã. Isso ocorreu de forma aérea, pois os panfletos foram lançados via helicópteros. Os panfletos traziam a seguinte manchete: “A verdade sobre a aliança de Ricardo Coutinho com às forças do mau”. Era um material bastante didático e tinha um objetivo muito claro, exibia uma imagem na qual Ricardo Coutinho aparecia de lado de objetos ligadas ao culto das religiões africanas (o que se evidenciou o que se pensava das religiões de matizes africanas) e ainda afirmava-se que o então prefeito tinha consagrado a Capital do Estado, João Pessoa, ao Diabo. Daí o motivo dele ter espalhado aquelas ridículas seis estátuas pela cidade; cada uma tinha uma provável referência infernal: Porteiro do Inferno, Infeliz das Costas Ocas, Cavalinho do Cão, Caboclo Girassol e Pombas Giras; vale ainda salientar que a sétima seria colocada em homenagem ao próprio Satanás. As cidades que foram contempladas com este rico material foram: Solânea, Bananeiras (terra de origem de Ricardo Coutinho), Alagoa Nova, Itaporanga, Catingueira, Patos e os municípios do Vale do Piancó. Com certeza estas cidades foram os seus pontos estratégicos. Houve até uma preocupação por parte do Partido Socialista Brasileiro (PSB), de acabar com tal especulação difamatória. Na época, o candidato procurou o TRE para que a Justiça tomasse as medidas cabíveis. Estes panfletos já tinham sido recolhido pela Polícia Federal quando se constatou que teriam sido elaborados em uma gráfica da cidade de João Pessoa (Mídia Gráfica) e os que foram jogados depois do dia 10 de outubro, inclusive eles eram mais elaborados, com relação à cor, desta vez eram todos com tons laranja.

Em todo o texto Sagrado, sabemos que é abominável aos olhos do Senhor que se faça tal coisa, ou seja, compactuar com as forças das trevas. Então o que se buscou com a difamação do candidato Ricardo Coutinho, foi trazer à memória que o referido político não era aprovado pelo Senhor Yahweh, como está escrito em **Levítico**:

“Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos demônios, com os quais eles se prostituem; isso lhes será por estatuto perpétuo nas suas gerações.” (**Levítico.17-7**)

Veza por outra, uma pessoa do mundo da fama é diabolizada sem dó nem piedade. Para nos servir de um exemplo clássico, vamos nos remeter, a famosa boneca da Xuxa que ficou conhecida como “*Xuxa Satanic Doll*” (boneca satânica da Xuxa), essa era uma boneca que todas as meninas do começo dos anos 90 queriam ter, sendo um sucesso de vendas pela fábrica Estrela. De repente, espalharam boatos que esse brinquedo tinha sido criado no Haiti, uma terra conhecida pela prática do Voodoo (prática religiosa de ramificação africana). Com isso, muitas estórias surgiram de que várias crianças foram atacadas durante a noite, o que fez com que a vendagem da referida boneca caísse vertiginosamente. Cabe lembrar que a própria apresentadora, foi por vezes, acusada de pacto com o Diabo e que por isso alcançou fama e fortuna. E essa estória já rendeu muito e o último a apostar nesse assunto foi o jornal **Folha Universal**, da polêmica denominação evangélica IURDE (Igreja Universal do Reino de Deus). Esta denominação foi fundada pelo senhor Edir Macedo Bezerra, o famoso “Bispo Edir”. Isso ocorreu mais precisamente em agosto de ano de 2008, quando o referido jornal da denominação publicou uma matéria em que a capa daquela edição trazia a seguinte indagação: “Pacto com o mal?”. A matéria era polemica, pois afirmava que a apresentadora doava duas vezes por ano gotas de sangue a uma Igreja satânica em São Francisco, nos Estados Unidos. O desfecho dessa estória é que Xuxa venceu o processo, levantado contra a denominação, e que obrigou a Igreja do “Bispo Edir” a desembolsar uma quantia de 150 mil reais de indenização; o que fez a tal Igreja recorrer à justiça também.

A diabolização para inferiorizar foi, sem dúvidas, a mais antiga a ser utilizada; encontramos em todo o texto sagrado, perpassando os séculos. Na história nacional recente é grande a lista do que é atribuído ao Demônio. Vai desde a lambada (a dança proibida) aos produtos dos mais variados tipos.

Uma coisa interessante é quando se diaboliza para elogiar alguém, podendo até ocorrer uma auto-diabolização nesse sentido. Tal diabolização está presente em nosso dia a dia, em quase todas as esferas da sociedade; tornando-se algo a fazer parte da cultura Ocidental. Basta lembrar que o Brasil todo, na Copa do Mundo de 1994, passou a chamar o jogador de futebol Romário, de “baixinho infernal”. E assim ocorreu com

vários outros jogadores de futebol! Podemos citar: O jogador de futebol José Luiz Guimarães Sanábio Júnior, mais conhecido como Júnior, que foi apelidado pela fervorosa torcida do Esporte Clube Bahia de o “Diabo Loiro” como uma espécie de reconhecimento ao atleta que tinha se destacado na Copa do Brasil em 2010. Mas sabe-se que o referido jogador, atualmente, vem laboriosamente lutando para mudar isso, e ficar conhecido como o “anjo loiro”; o que será difícil de ocorrer, porque no imaginário coletivo anjo é símbolo de passividade e no esporte essa idéia não se coaduna com “agressividade”, tão cobrada pela torcida que deseja ver um espetáculo na qual o seu time arrase o adversário, ou seja, não há lugar para piedades, o que vale é vencer o oponente e conquistar o título de campeão, seja lá em que torneio for. De acordo com a crença popular, a figura do anjo é aquele ser que defende como também é reconhecido como um ser que guarda, ou seja, que protege. O relato bíblico mostra que até o próprio arcanjo Miguel, ficou em posição de defesa, no episódio em que o corpo de Moisés foi disputado com o Diabo (Judas 9). A lista segue com uma relação de pessoas que foram diabolizadas positivamente, como o “cãozinho do forró”, entre outros. Há um dualismo na satanização que às vezes é para expressar algo que é muito bom e em outras, que é para mostrar que algo não é digno de nossa apreciação.

Essa prática também é antiga e bastante utilizada. No livro de Laurentino Gomes, **1822: Como um Homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil- um país que tinha tudo para dar errado**, que é claro, não tinha o objetivo de tratar sobre essa temática, mas trás uma importante citação quando o imperador Napoleão Bonaparte chamou o almirante que participou da independência do Brasil, Alexander Thomas Cochrane, de El Diabo (o Diabo), pois esse homem era possuidor de uma extraordinária visão estratégica nos mares. Então, fica evidente que a diabolização nesse sentido também vem de longas datas. Isto prova que tornou-se costume fazer uma diabolização possitiva para ressaltar a capacidade de alguém em alguma atividade na arte ou no esporte. É bastante comum no Nordeste do Brasil ouvir expressões como: “ele é um Cão chupando manga” que equivale a uma outra famosa expressão mais em uso atualmente: “ele é o cara” (entre outras possibilidades de significados).

Há certos casos em que ocorre até uma auto-diabolização, mas com uma conotação de enaltecimento, ou seja, sinalizando para algo positivo. Foi isso que ocorreu com o cantor de forró Frank Aguiar que ficou conhecido como “O Cãozinho

dos Teclados” o qual foi atribuído ao seu IV trabalho fonográfico, lançado pela gravadora Abril Music, no ano de 1998. Nesse caso, ocorreu uma associação com o intuito de mostrar via Diabo, que o referido cantor era muito bom. Que outro personagem poderia reunir aspectos de festa, música, sensualidade, alegria e muito forró, senão o Diabo?

Já com relação à sexualidade sabemos que a mesma sempre foi alvo de grande controle por parte dos detentores do poder eclesiástico. Por isso, o sexo sempre foi algo vigiado e regulado pelas Igrejas pela via da diabolização. Não é de agora que a repressão sexual é prática incisiva no Catolicismo Romano bem como de muitas outras correntes do Cristianismo. Como diz uma passagem da obra de Ruston Lemos de Barros, com o sexo pecava-se contra Deus e que:

“Por isso, a meta prioritária da Igreja deslocou-se para o controle do prazer, tanto entre os cônjuges como também no chamado espaço ‘ilegítimo’ das relações carnis... o mundo da luxúria havia sido instado pelas forças Satânicas, justificavam”. (BARROS, Ruston Lemos de Op. cit., 1995, pp. 122/123).

Só recentemente é que o catolicismo vem aceitando o ato sexual entre os casais com a finalidade de obter prazer, pois hoje se defende que o sexo tem duas finalidades no âmbito conjugal: a finalidade procriativa e a finalidade unitiva, ou seja, sem a intenção procriativa; inclusive a Igreja oferece obras esclarecedoras sobre o assunto. Contudo, ela ainda condena qualquer ato sexual fora do contexto matrimonial.

O protestantismo em geral, já oferece uma certa liberdade com relação ao sexo entre o casal e o uso de contraceptivos, que ainda continua sendo uma barreira no Catolicismo. No entanto, há algumas denominações que não se encaixam nesse grupo, já que se enquadram na ala mais fundamentalista e não admitem a ato sexual entre o casal com objetivo meramente de obter prazer. À guisa de exemplo, podemos mencionar a denominação Deus é Amor. Na referida Igreja (Pentecostal e fundamentalista) encontramos uma lista enorme de coisas que “pertencem” ao Diabo e que por isso tem que ser evitadas pelos crentes, seguidores da denominação. Na Igreja Deus é Amor, o sexo relacionado apenas ao prazer é coisa demoníaca e por isso leva os fiéis ao pecado e para perto do Diabo. Para melhor controlar a vida dos crentes, muitas Igrejas preenchem o tempo das pessoas com programações as mais variadas possíveis, alertando a todos que o tempo é de Deus e que por isso é um pecado faltar a uma dessas

“imperdíveis” reuniões. Essa tática de controle do tempo é antiga, pois foi muito usada pela Igreja Católica para controlar a frequência do ato sexual dos infelizes fiéis, utilizando a sacralidade dos dias considerados santos que eram cada vez maiores no calendário eclesiástico medieval da referida Igreja. Com esse calendário, sobrava muito pouco tempo para a cópula. No século VIII, só as festas e jejuns obrigatórios somavam duzentos e setenta e três dias; no século XVI, oscilavam entre cento e vinte e cento e quarenta dias considerados defesos. Qualquer desrespeito dos casais ao calendário da Igreja, acarretava na época medieval, longas penitências para remir o ‘pecado mortal’. Claro que às escondidas não havia uma total observância das regras prescritas pela Igreja, pois o desejo sexual sempre tenta fugir de qualquer controle moral. Dessa forma, as Igrejas sempre fracassaram em controlar o prazer venéreo.

Quando se trata de homoafetividade o assunto é ainda mais polêmico, pois por diversas vezes ocorrem processos judiciais envolvendo pastores/padres e ativistas gays, nos dias atuais.

Recentemente a Igreja norte americana “Manifested Glory” causou reboição na sociedade americana, quando a rede de televisão CNN divulgou um vídeo da denominação no qual um jovem era libertado de um suposto espírito obsessivo causador da homossexualidade. Essa “libertação” ocorreu em meios as frases em que se pronunciavam coisas como “demônio do sexo gay” e não é de agora que as Igrejas Cristãs vêm com essa postura com relação à homossexualidade. Com relação a este particular, pode-se dizer que:

“Desde o início, o Cristianismo, a Igreja e, depois o Estado, em nome da moral, realizaram perseguições aos sodomitas, acrescentando todo um sentimento de repulsa e impiedade. Depois dos hereges, eram eles os mais ‘infames pecadores’, considerados, mesmo, inferiores aos regicidas e parricidas. Em circunstancia alguma poderiam ser encarados, estes ‘desviados’ da cópula procriativa, como pessoas com direitos a exercerem uma forma alternativa de sexualidade. Eram culpabilizados, inclusive, pela ira divina, que enviava pestes, temporais, terremotos e outra castatrofes às cidades. Aos poucos, estas idéias perpassadas pela ideologia cristã contribuíram enormemente na construção de uma certa intolerância social ‘anti-sodomita’ no imaginário coletivo, presente na era ‘moderna’”. (BARROS, Ruston Lemos de. Op. cit., 1995, p.430).

Luis Mott em matéria publicada na Revista **Observatório Itaú Cultural** de abril/julho de 2009, tratou do seguinte tema: “Educação para a Diversidade” e relata a declaração do ex-bispo metropolitano de Florianópolis Dom Eusébio Oscar Sheid: “O homossexualismo é uma tragédia. Gay é gente pela metade. Se é que é gente!”.

Embora tenham casos isolados, sabemos que a grande maioria dos padres ou líderes das Igrejas Evangélicas, o que prevalece são opiniões iguais ou piores que a opinião de Dom Eusébio Oscar Sheid. As Igrejas de um modo geral não têm contribuído para que o assunto seja tratado de forma coerente, pois em muitos casos o que tem prevalecido são afirmações arcaicas com respostas simplórias ou desconexas.

Por isso:

“A **Bíblia** foi usada durante milênios para justificar a superioridade do macho branco, a inferiorização das mulheres, a subjugação dos índios e dos negros à escravidão, a perseguição aos homossexuais, a condenação das demais religiões etc. O patriarcalismo, a escravidão, o machismo, a homofobia, a intolerância religiosa, o etnocentrismo, o confinamento em guetos nas grandes cidades, o apedrejamento das adúlteras, a diabolização das religiões tribais, etc, todas essas barbaridades foram inspiradas em interpretações tendenciosas das Sagradas Escrituras e abençoadas pelos donos dos poderes eclesiástico ou civil. A cruz e a espada sempre estiveram unidas para manterem a sua hegemonia, seus privilégios e seus protecionismos ideológicos. Quando um moleque diz de norte ao sul do Brasil “Viado tem mais é que morrer!” ou quando um bando de neo-nazistas mata a ponta-pés um gay negro, como aconteceu na última parada LGBT, de São Paulo, estão obedecendo cegamente, mesmo sem saber, a uma suposta ordem de Yahweh, ‘o Deus dos exércitos!’. A prescrição é velha cerca de 4 mil anos, que assim dizia: ‘O macho que se deitar com outro macho como se fosse mulher deve ser apedrejado!’.”(MOTT, Luiz Roberto de Barros, “Educação para a Diversidade” In **Revista Observatório Itaú Cultural / OIC** . São Paulo, 2009. p.178.).

Será que todas as afirmações bíblicas devem ser trazidas tal como encontramos nos textos sagrados para os nossos dias? Um fundamentalista responderia que sim! Bart Herman (ex-fundamentalista) autor do famoso livro **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? - quem mudou a Bíblia e por quê**, faz uma exaustiva análise nas alterações ocorridas na “infalível” palavra de Deus e nos surpreende em cada capítulo, pois deixa claro que muitas vezes houve alterações intencionais e sem falar que no último capítulo ele fala sobre os mundos sociais do texto, revelando a influencia cultural que um texto sofre. Assim,

“E se o livro que você toma por transmissor das palavras de Deus contiver só palavras humanas? E se a **Bíblia** não der uma resposta a toda a prova as questões dos tempos modernos – aborto, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, supremacia religiosa, democracia, e assim por diante? E se nós mesmos tivermos de descobrir como viver e como acreditar por nós mesmos, sem olhar para a **Bíblia** como um falso ídolo, ou um oráculo que nos dá uma linha de comunicação direta com o Todo-Poderoso? Há razões muito claras para pensar que, de fato, a **Bíblia** não é o tipo de guia infalível para as nossas vidas: entre outras coisas, como um velho adiantando, em muitos lugares, nós (como especialistas ou apenas como leitores comuns) nem mesmo conhecemos o que as palavras originais da **Bíblia** realmente eram”. (HERMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?/ quem mudou a Bíblia e por quê/** – São Paulo: Prestígio, 2006. p.p.23/24).

É interessante que muitos religiosos ao fazerem análises bíblicas mais coerentes com os novos anseios, típicos dos nossos dias, reformulem antigas e ultrapassadas questões como é o caso das ordenações de mulheres, o divórcio entre os já casados no religioso, etc. Mas quando o assunto é a homossexualidade são inflexíveis com a mesma intensidade que ocorria no passado, salvo algumas poucas variantes. Eles eram “culpabilizados, inclusive, pela ira divina, que enviava pestes, temporais, terremotos e outras catástrofes às cidades.” (BARROS, Ruston Lemos de Op. cit., 1995, p.50).

Um grande apologista do Catolicismo na atualidade, Felipe Aquino (2010), ao tratar sobre a Inquisição, no seu livro, **Para Entender a Inquisição**, faz esse argumento: admitindo que não podemos olhar os textos “sagrados” sem o devido cuidado, pois, segundo ele, a interpretação tem que ser realizada com os recursos disponíveis para que ocorra uma coerente interpretação. Claro que essa afirmação é apenas com o intuito de aliviar as culpas da Igreja. Com relação à Inquisição, o interessante é que nem todos os assuntos são revistos sobre “novos olhares”, mas sim acontece uma revisão só naquilo que é conveniente nos ultrapassados dogmas cristãos.

Sendo assim:

“A interpretação da **Bíblia** era muito mais fundamentalista que hoje, uma vez que não se tinha o auxílio das ciências modernas. Houve estatutos que puniam as pessoas que trabalhassem nos dias santos e domingos, bem como a violação da obrigação do jejum e penitência prescritos pela Igreja”. (AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Para entender a Inquisição**. 3ª ed. Lorena: Cléofas, 2010. p.41).

A dança denominada de Lambada que explicita a sensualidade, sobretudo a feminina, já foi rotulada como obra do Diabo por muitos integrantes do clero nos anos 80 e começo dos anos 90. Sabemos que assim como ocorreu com a lambada, também houve a diabolização do Axé Music e o Funk, dentre outros estilos musicais que apelavam para danças que expõem o corpo. A sensualidade feminina é quase sempre associada à imagem do Diabo e em algumas letras de músicas podemos observar estas verdades. Com relação à Lambada ocorreu o seguinte fato:

“Em maio de 1990, o cardeal de Medellín, Dom Afonso López Trujillo, que é membro da ‘Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé’, solicitou ao Vaticano que impedisse a propagação da dança, denominada de ‘lambada’, como uma ‘Manifestação do demônio. Iguais solicitações foram encaminhadas pelos arcebispos Dom Carlos Gonzales, do Chile e Dom Prospero Penados del Barrio, da Guatemala. No Brasil, duas adesões aos pleiteantes ganharam espaço nos noticiários: dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro e o monsenhor André Carmuça, relações públicas da arquidiocese de Fortaleza.” (BARROS, Ruston Lemos de. Op. cit., 1995, p.28).

As mulheres ao longo da história foram quase sempre associadas ao Demônio. Isto é as mulheres eram propensas à influência do maligno. De acordo o manual denominado **O Martelo das Feiticeiras** dos dominicanos (dois inquisidores) James Sprenger e Heinrich Kramer (1991) a figura da mulher era associada à feiticeira. Elas eram acusadas até de fazerem sexo com o Demônio, razão básica das perseguições, torturas e mortes de muitas delas. A idéia da mulher inferiorizada como um ser aliado ao Diabo tem uma raiz mais profunda que remete-se ao mundo greco-romano e a tradição judaico-cristã. Segundo o relato bíblico, a subversão humana foi trazida pelo Diabo, que contou com a ajuda de Eva. Ela se deixou seduzir pela enganosa voz da serpente e fez com que Adão comesse do fruto da árvore que o Senhor havia proibido consumir.

Segundo o relato mítico,

“... a serpente, a mais sagaz de todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como um deus, sereis conhecedores do bem e do

mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, assim tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao seu marido, e ele comeu”. (GÊNESIS: 3-1)

O convite feito pelo apóstolo Paulo na Carta aos Coríntios, em que ele chama a todos a imitá-lo, como ele imita o Cristo, como esta escrito no **I Livro de Coríntios** 11:1, tem um custo muito caro, pois exige uma negação das principais características do ser humano, ou seja, a vontade de viver uma vida regada de prazeres. Já o ser conhecido como Diabo, Capeta, Lúcifer, Satanás, Trem-ruim ou Belzebu faz um convite para todos viverem em plenitude, o que já é latente, ou seja, uma propensão humana.

Históricizar a figura do Diabo pode parecer brincadeira ou ousadia, mas na verdade pretendeu-se trazer uma reflexão histórica e ao mesmo tempo evidenciar como fomos reféns do passado e como o momento presente é ainda impregnado de fatos muitos distantes do nosso tempo.

Inúmeras fontes populares ainda restam para serem exploradas, como é o caso das músicas e dos filmes. Vivemos na era das comunicações e o axioma do falecido apresentador de televisão Abelardo Barbosa, o Chacrinha, dizia é ainda uma realidade: “Quem não se comunica se trumbica”. O Diabo não se trumbicou em um mundo capitalista. Várias são às produções cinematográfica em que se faz alusão ao mito. Religião e economia parecem que estão sempre de mãos dadas. A Internet é outra ferramenta que fortalece a presença diabólica no imaginário coletivo. Na Web tem diabo para todos os gostos e desgostos. Na TV, em vários momentos, o mito é lembrado, a exemplo da novela Renascer, quando, um certo personagem interpretado por Antonio Fagundes possuía um diabinho preso dentro de uma garrafa. Este diabinho foi concebido igual ao Diabo do folclore húngaro (Diabo do sexo), ou seja, resultante de um ovo de uma galinha preta, chocado debaixo de um braço humano.

O Diabo é um ser poderoso, independente de provocar medo ou não nas pessoas. A sua força reside na sua plasticidade e multiplicidade, pois sempre está na moda, por ser um produto de venda, por ser um símbolo mitológico, por ser uma crença das primeiras religiões, por ser uma crença do povo! O Diabo Católico é triste; o Diabo protestante é furioso e o Diabo do povo é um ser alegre.

Apesar da presente proposta monográfica ter sido abrangente, o objetivo motivacional sem dúvida foi aos de combater os discursos normativos de uma sociedade

hipócrita que não aceita e não sabe respeitar as diferenças e que por isso diaboliza e inferioriza os que estão fora das normas sociais. A inferiorização baseada nele ocorre em praticamente em todos os espaços da sociedade. Sendo assim, todos trabalhos que, de alguma forma, abranja a importância ao respeito à diversidade de valores são validos.

O que se buscou afirmar neste estudo foi destacar o poder do passado; o poder do mito. Dessa forma, ainda vemos muitas pessoas pautando suas vidas em doutrinas desumanas que provocam verdadeiros distúrbios psicológicos, pois tudo é reprimido através do mito e do medo.

Prever o fim de um mito é impossível. O Cristianismo precisa do Diabo tanto quanto da figura de um Salvador para sobreviver. Em uma sociedade, capitalista praticamente tudo vira mercadoria. São vários os filmes, músicas e livros que sempre reforçam ou dão novos contornos para a imagética de Satã.

Na atualidade, quem mais tem praticado a diabolização como ferramenta de controle é, sem duvida, o Protestantismo. Vemos em algumas denominações protestantes, uma total negação da realidade presente e muitas vezes provocando cismas por cima de cismas, aumentando o número de proliferadores de uma paranóia sem fim.

Nesses grupos encontramos vários e antigos tipos de diabolização. Praticamente tudo é do Diabo: a moda, o cuidado com o corpo, a homossexualidade, a TV (que faz parte de uma diabolização tecnológica), determinados lugares e dias, a cultura afro, a doutrina espírita. Alguns itens em todas as denominações religiosas são unânimes rejeitados: A diabolização do lazer e da busca do prazer sexual são é a ele associados.

Conclusões

Satã é um dos personagens que mais recebeu nomes ao longo do tempo. Na **Bíblia** Sagrada, ele recebe o nome de Demônio, Diabo, Caluniador, Maligno, Belial, Belzebu entre outros. Junto com as nomenclaturas bíblicas coexistem diversos outros vocábulos nacionais ou regionais para se referir a ele, como por exemplo, podemos citar: Cão Sarnento, Chifrudo, Tinhoso e inúmeros outros nomes. E ainda podemos observar alguns nomes que são usados em todos os lugares, a exemplo de “O Capeta”. É comum ouvirmos expressões tais como: “Esse menino está encapetado”; expressões assim têm a intenção de tirar o peso teológico negativo e designar o Diabo de forma mais próxima ao gênero humano.

É preciso ter muita plasticidade para que um nome possa ser usado como substantivo ou adjetivo; e ainda, com relação ao Diabo pode ocorrer uma flexão verbal quando se usa a expressão “diabolizar”. Esse ser que é acusado por muitos como o responsável pela pobreza social, fome e nudez e é, surpreendentemente, ao mesmo tempo, aquele que pode cobrir de ouro a todos os que lhe dão ouvido, seja ao mesmo tempo o “deus” do caos como também pode ser o “deus” da beleza, depende do ângulo “diabolizante” defendido. Ele pode ser considerado o grande rei do carnaval como também pode ser visto com o rei da tristeza, da infelicidade ou do pecado. A diabolização é praticada tanto para o bem como para o mal.

O que fez com esse personagem sobrevivesse ao longo dos séculos e com tanto dinamismo foi, sem dúvida, como já dissemos, o seu poder de plasticidade que poucos mitos conseguiram obter. Isto ocorreu, com certeza, devido as suas transmutações culturais, ou seja, toda vez que um mito é levado e conseqüentemente incorporado para outra cultura acaba sofrendo inúmeras adaptações que são próprias da cultura local que adota a figura mitológica. Percebemos essa realidade na complexa mitologia romana, como por exemplo, quando incorporou vários mitos nos territórios conquistados.

Ficou claro, portanto, a necessidade de um aprofundamento do tema, pois há aspectos com inúmeras possibilidades de pesquisas. O que se pretendeu aqui foi evidenciar a força do mito do Diabo e ao mesmo tempo promover uma reflexão sobre como a sociedade torna-se vítima e ao mesmo tempo usuária dos seus medos e de seus

temores. A literatura teve um grande reflexo nesta afirmação. Na obra **O Demoniaco na Literatura**, lançado em 2010 se faz uma preciosa análise sobre isso. O livro faz referências sobre obras de diversos lugares, épocas e autores; obras recentes e obras mais antigas que de alguma forma teve como personagem o Demônio. Sem dúvida é um recomendável trabalho. Em **O Demoniaco na Literatura** observou-se, mais uma vez, o quanto a figura do Diabo foi escrita e reescrita. A resignificação do mal é tratado constantemente com os mais variados fins, ocorrendo muitas vezes à descaracterização do Diabo como um ser totalmente perverso e por vezes ele é representado de forma grotesca e até mesmo como um personagem ingênuo e tolo. Pode-se mesmo dizer que:

“As duas obras analisadas, **O Bom Diabo** e **Belzebu.com**, demonstram uma despreocupação por parte de seus escritores em seguirem os ditames da tradição religiosa ao inserirem o Diabo como personagem em suas obras. Pelo contrário, cada escritor recria o personagem bíblico à sua maneira e de acordo com a proposta de sua obra. Monteiro Lobato engendra um Diabo benevolente, desinteressado e justiceiro, indo abertamente contra a concepção cristã do personagem. Luis Fernando Veríssimo, por sua vez, conservou a imagem do Diabo enquanto tentador. Contudo, o seu personagem é um Diabo moderno, que faz uso da Internet para negociar as almas dos mortais. Além disso, o personagem de Veríssimo é um negociador, uma vez que aceita abrir mão de um pouco dos seus lucros, algo que contraria a intransigência do Diabo bíblico, o tentador de Eva, Jó e Jesus. **O Bom Diabo** ou **Belzebu.com**, obras de Monteiro Lobato e Luis Fernando Veríssimo que já são acessadas pelo público infanto-juvenil brasileiro, o Diabo não é tratado como coisa séria. Pelo contrário, ele é retirado da esfera do sagrado para entreter o leitor, apresentando-se sob formas que demonstram uma total despreocupação com a ortodoxia religiosa; um Diabo às avessas (benevolente), como é o caso de Lobato; ou um Diabo modernizado, no caso de Veríssimo.” (MAGALHÃES Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Selma; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Orgs). **O Demoniaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Pg. 7).

Várias obras são estudadas com a finalidade de evidenciar a intertextualidade das literaturas, ou seja, mesmo que haja diferentes estilos literários não existe um texto puro sem interferências de outros textos, mesmo que uma determinada obra tenha o objetivo de se contrapor ou parodiar outra. Outra coisa a pontuar é que cada autor sempre faz alguma análise, valorizando os elementos do seu contexto histórico. Machado de Assis fez uma bela paródia, em “As bem-aventuranças”. Nessa bem-aventurança do Diabo ele faz uma análise do seu contexto social de forma genial. Cabe lembrar que muitas das

afirmações feitas por Machado de Assis ainda estão valendo para o Brasil de hoje, pois ele, de forma crítica, fala sobre as questões da corrupção brasileira.

Por isso, afirmou Machado de Assis em sua obra, *As bem-aventuranças*:

“Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.” (MAGALHÃES Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Selma; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Orgs). **O Demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Pg. 30).

Talvez o Brasil seja um dos países que mais fez apelos ao Diabo na sua constituição cultural, pelo que percebemos. A colonização portuguesa junto com a catequização promovida pela Igreja, colaborou e muito para a implantação de um imaginário religioso tosco, que prevalece fortemente até os nossos dias.

Assim como para cada dia do ano temos um santo, temos também para cada ocasião um demônio causador de algo. Não dá para mensurar os estragos que a diabloização no Brasil promoveu nas mentalidades das muitas gerações da sociedade brasileira. Como já dissemos, a “pedagogia do medo” fez muitas vítimas sendo responsável pelos traumas psicológicos ocorridos em boa parte da população. Por isso, não devemos esperar que as entidades cristãs usem de bom senso e deixem de promover de uma vez por todas, esse tipo de discurso danoso para a saúde mental das pessoas. Cabe aos meios acadêmicos e outros seguimentos livres, promoverem estudos e debates para que haja uma quebra deste paradigmas e deixem de tanto escravizar nossa gente mais simples.

As revoltas populares tão comuns em nossos dias, e isso com certeza refletem, mesmo que seja de forma distorcida, a mudança da população no modo de se posicionar diante dos discursos opressores tão antigos em nossa sociedade. Esses discursos são por vezes sustentados por uma gama de ideologias políticas como também religiosas, pois ainda se faz por aqui discursos hipócritas em nome da fé cristã com o objetivo de tirar o senso crítico do povo, para assim continuar a antiga dominação das camadas menos esclarecidas da sociedade. Isso com certeza não significará o fim do mito do Diabo em terras brasileiras. Ao que parece, será que o povo, está “devolvendo” o Diabo para os

seus respectivos “donos”? Se isto é verdade, essa devolução é feita através das múltiplas formas de resistências populares que, de longe, não se compara com as diversas formas de violências de que a população foi vítima há tanto tempo. Será que os religiosos pedófilos usam também a desculpa de serem tentados ao pecado, pelos Demônios?

Embora vivamos em uma sociedade conflitante do ponto de vista sócio-cultural, não podemos negar a força que a ideologia cristã ainda exerce sobre a população em geral. Pensar que os medos provocados por crenças irracionais, como é o caso da crença do Diabo, é inexistente no tempo hodierno, é simplificar o processo histórico sobre qual estamos inseridos?

O que se nota na realidade religiosa no Brasil, são fenômenos complexos que podem ser analisados de diferentes ângulos metodológicos. Essa complexidade está presente desde o início de sua colonização, pois como já foi dito, a religião cristã aqui nunca foi absorvida tal qual a ideologia européia pretendia.

Os dados obtidos no censo 2010 pelo IBGE, apontam que o catolicismo ainda é predominante em nosso país e ao mesmo tempo mostra o alarmante crescimento de seitas evangélicas, além da diminuição do número de fiéis católicos praticantes. Esse processo de crescimento das seitas protestantes em nosso país teve início de forma mais acelerada a partir de meados do século XX.

Entre as várias correntes do Cristianismo ainda prevalece um discurso ferrenho sobre a realidade do Inferno como também da existência do Diabo. Basta uma simples verificação nos livros religiosos publicados recentemente para perceber como a idéia da existência do Demônio o do Inferno ainda constitui uma preocupação constante dos teólogos e dos escritores religiosos.

O que ocorreu com o mito do Diabo foi uma transformação que podemos classificar como paradoxal. Na verdade, é que não há uma definição clara sobre essa mudança conceptiva do mito no cotidiano. Podemos, assim, ter a impressão, muitas vezes, que a fobia que as pessoas devotam ao Diabo está decaindo, mas com um olhar mais sensível podemos constatar que em muitos momentos o que ocorre é uma pluralização de Satã. Assim como no texto sagrado, o Deus de Israel aparece com vários nomes, acontece o mesmo com o Diabo, no que refere as suas inúmeras possibilidades de ações. Na prática, mesmo sem saber, o Cristianismo transformou Satã em um anti-

deus onipotente, onipresente e onisciente; atributos estes que teologicamente são atribuídos a Yahweh, o Deus tribal que também passou por radicais modificações ao longo da história do povo semita, no Oriente.

Com o objetivo de analisar a visão atual que algumas comunidades cristãs têm sobre a temática estudada, foram consultadas a Igreja Católica, na pessoa do Padre M. F. da S. – Área Pastoral Jesus Ressuscitado da cidade de Guarabira – PB, a Igreja Assembléia de Deus Ministério de Madureira, na pessoa do Pastor J. B. V. da cidade de Belém – PB. E ainda procuramos obter a visão espírita sobre a temática analisada com a espírita Z. M. P., residente na cidade de Belém, mas vinculada ao Centro Espírita Beneficente Allan Kardec, da cidade de Guarabira.

As afirmações dos dois primeiros representantes citados foram semelhantes; não há grandes divergências com relação à idéia do mal. Tanto para os católicos como para os protestantes a crença em Satã e no Inferno fazem parte das doutrinas básicas das duas correntes religiosas. O que difere é o modo de como são enfatizadas nas duas correntes religiosas esses parâmetros sobrenaturais (Céu e Inferno). Já com relação ao Espiritismo temos uma outra posição. No kardecismo, inexistente a idéia de um ser das trevas. O que ocorre, muitas vezes é a influência de espíritos desencarnados com pouca evolução moral. Com relação ao Inferno, Z. M. P. afirma que é uma idéia irracional e que, portanto, não se coaduna com um Deus que é puro amor e, dessa forma, Ele jamais mandaria ou suportaria ver uma criatura sofrer eternamente. A referida espírita não se mostrou muito à vontade para falar sobre os Umbrais, mesmo sabendo que, para essa doutrina, os Umbrais são locais de purgações temporárias, muito ligadas ao estado consciência do espírito e que não é exatamente igual para todos; ou seja, uns sofrem mais e outros menos, pois depende do nível de consciência do espírito. Quanto mais cedo o espírito reconhecer o seu estado pecaminoso e quanto maior for o seu desejo de evoluir espiritualmente, mais rápido ele é transportado para outro nível espiritual. Sendo assim, ela afirmou que há muita polêmica quando se analisa a dimensão dos umbrais.

Mesmo divergindo com relação à existência do Diabo e do Inferno, o Espiritismo não deixa de ter uma “pedagogia do medo”, pois a lógica do sofrimento proveniente de um mundo de culpas vividas e de um resgate no além dessa vida, não desapareceu. Sendo assim, todas as religiões ligadas de alguma forma ao Cristianismo trazem consigo a cobrança da punição no além-túmulo. O certo é que no cotidiano, o

Diabo se tornou um ser plural, que fugiu das suas origens mitológicas, e se mesclou com as mais variadas culturas. Possivelmente continuará sendo retratado pelas religiões e coexistindo com outras formas paralelas de um anti-deus.

Fontes

1. Bibliografia:

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Henâni Donato. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Para entender a Inquisição**. 3ª Ed. – Lorena: Cléofas, 2010.

BARROS, Ruston Lemos de. **Carne, moral e pecado no século XVI**. O Ocidente e a repressão aos “delitos” da volúpia e aos “delitos” por cópula “ilícita”. João Pessoa: Gráfica e Editora Ltda, 1995.

BÍBLIA SAGRADA, A. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos**. O caráter sobrenatural do Poder Régio. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BURK, Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada/** Tradução de Maria Lucia Machado e também de Heloísa Janh. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-mordernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?! quem mudou a Bíblia e por quê/** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. O Martelo das Feiticeiras. Tradução Paulo Fróes, 6º Ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1989.

LAZARINE, Antonio Neto. “O demoníaco: A antiguidade e transformações do tema na tradição judaico-cristã”. São Bernado do Campo: Oracula, 2007.

LE GOFF, Jacques.. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al]. Campinas, Unicamp, 1990.

MAGALHÃES Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Selma e LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Orgs). **O Demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. “Educação para a Diversidade”. Revista Observatório Itaú Cultural/ OIC- n. 8 (abr/jul. 2009). São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. 2ª edição. Dourado: EDUSC, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jantahy. **História & História Cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, José Pinheiro de. **Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo**. Fortaleza: Gráfica LDR, 2011.

SOUZA, Laura de Melo e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

VAINFAS, Ronaldo e SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os santos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-História. Os Protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

2-Entrevistados:

J.B. V., 52 anos. Rua: Deocleciano Guedes, S/N, Centro Belém – PB. Igreja Assembleia de Deus Ministério de Madureira (20/05/2014).

M. F.da S., 35 anos. Rua: Padre Sampaio, 45, Centro Guarabira – PB.

Área Pastoral Jesus Ressuscitado.(Igreja Católica, 15/07/2014).

Z. M. P., 75 anos. Rua: Boa Vista, 290, Centro Belém – PB.

Filiada ao Centro Espírita Beneficente Allan Kardec, Guarabira - PB (19/07/2014).

3- Internet:

Disponível em: www.noticias.gospelprime.com.br/ Acesso em 30/10/2014, às 11h:00min.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ves%C3%BAvio>. Acesso em 29/08/2012, às 21h23min

Disponível em: <http://solascripturatt.org/Seitas/Pentecostalismo/IgrejaDeusEAmor-JoaoFMartinez.htm>. Acesso em 15/10/12, às 23h37min.

Disponível em: <http://www.vitoriafc.com.br/> Acesso em 30/10/12, às 22h:45min.

Disponível em: <http://www.livrariascuritiba.com.br>. Acesso em 25/08/14, às 00h:15min.

Disponível em: http://desciclopedia.ws/wiki/Boneca_da_Xuxa. Acesso em 22/10/12, às 22h00min.

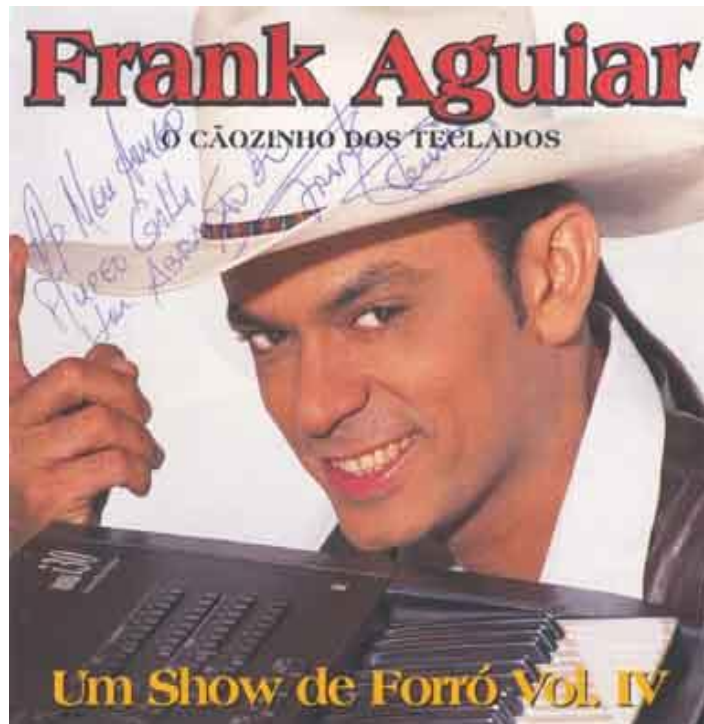
Disponível em: <http://www.cacoalnews.com.br>. Acesso em 25/08/14, às 22h00min.

Disponível em: <http://paraibahoje.wordpress.com>. Acesso em 27/10/2010, às 23h25min.

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com>. Acesso em 30/10/2012, às 00h:59min.

ANEXO1

Capa do CD do Cantor Frank Aguiar



Bastante conhecido por cantar músicas de forró, o cantor adotou o apelido de O Cãozinho dos Teclados no final dos anos 90. <http://www.livrariascuritiba.com.br>
25/08/14

ANEXO 2

Boneca da Xuxa



Boneca da apresentadora Xuxa, que no início dos anos 90 ficou conhecida como a boneca possuída pelo Diabo. [http://desciclopedia.ws/wiki/Boneca da Xuxa\(22/10/12\)](http://desciclopedia.ws/wiki/Boneca_da_Xuxa(22/10/12))

ANEXO 3

Capa do jornal oficial da Igreja Universal do Reino de Deus



Exemplar do jornal Folha Universal que trazia como matéria de capa o possível pacto que a apresentadora Xuxa tinha feito com Satã. <http://www.cacoalnews.com.br>
25/08/14

ANEXO 4

Panfleto político distribuído na campanha para governo do Estado em 2010



Com este panfleto os opositores do candidato Ricardo Cultinho tentaram diabolizar a ele próprio bem como a sua gestão como prefeito da cidade de João Pessoa. <http://paraibahoje.wordpress.com/27/10/2010>

ANEXO 5

Foto do jogador de futebol José Luiz Guimarães Sanabio Júnior



Jogador que ficou conhecido como Diabo Loiro devido ao seu desempenho e a coloração dos seus cabelos. <http://globoesporte.globo.com>. acesso em 30/10/2012, às 00h:59min